

## **COLLOR E O NEOLIBERALISMO**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Folha de S.Paulo, 21/02/91*

Se os tempos são incertos em todo o mundo, mais incertos são eles para o Brasil, que vive uma crise econômica - na verdade uma crise fiscal do Estado - sem precedentes, que deixa suas melhores inteligências sem perspectivas senão sem esperança. O governo Collor enfrenta esses tempos incertos com a bandeira da modernidade e do mercado. Em função disto Collor e seu governo são identificados com o neoliberalismo, que, no campo da ação política, teve no tatcherismo sua expressão mais clara.

Collor confundiu as tradicionais linhas ideológicas quando venceu as eleições em 1989, e continua fazer o mesmo no seu primeiro ano de governo. A interpretação corrente na esquerda de que Collor é um "neoliberal" é a meu ver falsa. Ele sem dúvida é conservador. Tudo indica que é um conservador moderno. Mas daí para ser neoliberal vai muita distância. Se Collor não é um neoliberal, quais então as correntes ideológicas que de fato disputam o poder hoje no Brasil? Por outro lado, qual a relevância dessas correntes?

As eleições de 3 de outubro e 25 de novembro ocorreram ao mesmo tempo que o governo Collor vai delineando seu perfil político. Para um grande número de intelectuais de esquerda, esse perfil estaria identificado ideologicamente com a direita neoliberal. Na medida em que Collor, na sua campanha eleitoral e agora no governo, promove a liberalização comercial e a privatização, na medida em que defende a idéia que a coordenação da economia caiba antes ao mercado do que ao Estado, ele seria um neoliberal.

Esta é uma visão equivocada do neoliberalismo. Neoliberalismo é a ideologia da nova direita radicalmente contrária a intervenção do Estado na economia. Neoliberalismo é o velho liberalismo econômico modernizado pela microeconomia neoclássica da Escola Austríaca (Hayek), pela macroeconomia monetarista (Friedman) e dos novos clássicos (Lucas), e pela crítica econômica e política do Estado realizada pela Escola da Escolha Racional (Buchanan e Olson).

Neoliberalismo foi o que Margareth Thatcher tentou implementar sem êxito durante onze anos na Inglaterra. Neoliberalismo era mais o discurso do que a prática (uma curiosa mistura de neoliberalismo e populismo) de Ronald Reagan - prática que levou a economia norte-americana à crise fiscal e a um sério agravamento da situação social.

O neoliberalismo é profundamente individualista e pessimista a respeito da possibilidade de cooperação social ou de ação coletiva. Seu objetivo é o Estado Mínimo. Não apenas política industrial e tecnológica não fazem nenhum sentido para os neoliberais. As próprias políticas macroeconômicas de curto prazo seriam em princípio inúteis. O mercado é perfeitamente auto-regulável a partir das expectativas dos agentes econômicos. Além disso, para o verdadeiro neoliberal a própria política social é condenável, na medida em que desestimularia o trabalho e a iniciativa individual. Conforme Hirschman demonstrou, essa nova direita está baseada no velho princípio do "efeito perverso" que já estava presente na filosofia social de Edmund Burke: a tentativa de distribuir melhor a renda, de alcançar uma maior equidade social é perversa, na medida em que seus efeitos reais seriam opostos aos objetivos pretendidos. Não importa que história das social-democracias européias desminta esse fato. Para o verdadeiro neoliberal, para a nova direita que viceja nos Estados Unidos, onde a social-democracia jamais prevaleceu, e onde, portanto, os níveis de desigualdade são fortíssimos, a teoria implícita do efeito perverso é o grande argumento contra uma ação social mais efetiva do Estado e a explicação padrão para todas as falhas dessa ação.

Ora, definido o neoliberalismo nestes termos é evidente que Collor não é um neoliberal. A política industrial e tecnológica que seu governo vai aos poucos estruturando nada tem de neoliberal. Procurar dar um papel maior ao mercado na coordenação da economia não é neoliberalismo, é mero bom senso quando o Estado cresceu demais. Privatizar é uma solução óbvia quando o Estado enfrenta uma crise fiscal gravíssima. Através da privatização o Estado pode obter recursos que lhe permitam reduzir sua dívida, ao invés de aplicar mais recursos em atividades produtivas que podem ser desempenhadas pelo setor privado. Liberalizar o comércio exterior é uma providência há muito necessária na medida que a estratégia de substituição de importações esgotou-se já nos anos 60. Collor é chamado "neoliberal" devido a uma compreensão equivocada e ampla demais da expressão.

Na verdade o neoliberalismo não é no Brasil uma ideologia efetivamente adotada por setores significativos da "classe" política e do empresariado. Não é uma ideologia relevante para o Brasil enquanto prática política. Mesmo entre os intelectuais é difícil encontrar verdadeiros representantes dessa perspectiva teórico-ideológica.

No momento, em meio a um segundo congelamento com escassas possibilidades de êxito, delineia-se uma primeira crise política para o governo Collor. Neste contexto, do qual fazem parte as recentes eleições, a pressão geral é no sentido

de que Collor negocie mais com a sociedade. Collor tem recusado a negociar, temendo que negociação possa representar fraqueza. De fato, a determinação e a coragem em enfrentar a crise - que ele tanto presa - podem ser prejudicadas por excesso de negociação. Mais importante que negociar, hoje, é ouvir. Ouvir para formar sua própria convicção sobre como enfrentar a crise.

Muitas das convicções de Collor obviamente já estão formadas. Mas para que seu governo seja bem sucedido ele precisa de humildade para mudar algumas dessas convicções se as políticas decorrentes não estiverem dando certo. E uma vez definida uma nova e clara política, será necessária a negociação. Em certos casos, particularmente no controle da inflação, será necessário um acordo social. Imaginar um relacionamento direto e permanente com toda a sociedade através do rádio e da televisão é impossível. O acordo social, entretanto, só será bem sucedido se o governo tiver uma proposta clara a fazer à sociedade. Uma proposta que ao mesmo tempo combinem liderança e determinação com o comprometimento com o regime democrático.

O importante nesta proposta não será o seu conteúdo ideológico. Será a forma pela qual se distribuirão os sacrifícios para eliminar o déficit público, recuperar a capacidade de poupança do Estado, e controlar a inflação. Para isto há necessidade de um grande acordo nacional. Ou, pelo menos, de um acordo nacional mínimo. Um acordo que não se resolve com pobres fórmulas de indexação de salários, do tipo que estão sendo negociados no Congresso. Ao invés de a esquerda insistir em acusar Collor de "neoliberal", ou de reivindicar vantagens salariais de curto prazo para os trabalhadores, deve pensar qual a sua participação em um acordo em torno de um projeto de governo que hoje precisa ser um verdadeiro projeto de salvação nacional.